



Artes



Prix de Lausanne: "Vão ser os minutos da minha vida"

Dança

30 DE JANEIRO DE 2016
00:00

Mariana Pereira



DIANA QUINTELA/GLOBAL IMAGENS

Margarida Trigueiros, de 18 anos, e Alexandre Joaquim, de 15, são os dois portugueses selecionados para um dos mais prestigiados concursos de dança

Margarida e Alexandre chegam hoje a Lausana. Tal como outros 69 bailarinos entre os 15 e 18 anos, vindos de 19 países, preparam-se para a semana do prémio que tem o nome da cidade suíça onde decorre. Além do concurso propriamente dito - um dos mais prestigiados do mundo, instituído em 1973 pela Fondation en Faveur de l'Art Chorégraphique - o Prix de Lausanne tem aulas e ensaios com grandes coreógrafos, como o espanhol Goyo Montero (vencedor de 1994).

Cada bailarino leva duas variações preparadas: uma de ballet clássico, outra de contemporâneo. Vão dançá-las na sexta-feira - só 20 irão às finais de sábado - perante uma sala repleta. Mas, mais importante, vão dançá-las perante um painel de nove jurados composto por figuras como Elisabeth Platel, diretora da Escola de Ballet da Ópera de Paris, ou Nikolai Tsiskaridze, diretor da escola Vaganova, de São Petersburgo, Rússia.

São os dois portugueses da competição - selecionados entre quase 295 candidatos de todo o mundo -, mas a viagem dela até Lausana é bem mais curta: cerca de 200 km de Zurique, onde há quase quatro anos estuda dança na Tanz Akademie. Ele partiu de Faro, leva dias e dias a ensaiar nos estúdios da Companhia de Dança do Algarve. Os dois conhecem-se. Antes de partir sozinha para a Suíça, aos 14 anos, Margarida Trigueiros também estudou naquela escola.

O que está em jogo em Lausanne? Bolsas e convites para as melhores escolas e companhias de dança do mundo. Quase tudo para quem, aos 18 anos, diz: "Nunca pensei em mudar de ideias, nunca pensei em fazer outra coisa." Aos 12, Margarida avisava os pais: "Disse-lhes que queria mesmo seguir a carreira profissional de bailarina. Eles foram muito corajosos."

No seu último ano da Tanz, lembra que "há muitos casos de bailarinos que receberam o contrato para uma companhia na competição, diretamente." Estará lá "toda a gente" para a ver dançar as duas variações que escolheu: a clássica de Paquita e a contemporânea de Richard Wherlock, *Le Sacre du printemps*. "Quando estou a treinar para Lausanne sinto sempre a adrenalina de querer fazer mais. Vão ser os minutos da minha vida."

"Falam de Alexandre, o bailarino"

Alexandre Joaquim tem 15 anos. "Isto só começou a ficar sério desde os meus 13 anos, que foi quando comecei a progredir e a destacar-me. Antes, muitas vezes nem queria vir. Agora estou sempre a pensar: quando vou? Muitas vezes pensamos nisto como sacrifício, mas também é agradável, nem que seja aquela pequena dor que surge depois das aulas."

Estamos na Companhia de Dança do Algarve, Faro. São seis da tarde e há dezenas de crianças nos corredores. As suas vozes quase escondem a de Alexandre, tímido. Nos últimos meses, todos os dias está naquele estúdio. Aula de ballet diária, ensaios das variações depois. Depois, em Lausanne, será de breves minutos o tempo durante o qual levará ao palco a variação de Goyo Montero e a do bailado *La Sylphide*. "Habitamo-nos a isso e dá-nos motivação para mostrar tudo nesse momento", conta o bailarino, depois do ensaio. Evgueni Beliaev, professor da escola, assiste. Recorda-se dos "4 anitos" com que Alexandre ali entrou, "inteligente, musical".

No ano passado, o português Miguel Pinheiro foi às finais e acabou por ser distinguido com o prémio de interpretação de dança contemporânea. Agora, se a realidade escutasse a imaginação de Alexandre, quando a competição terminasse ele teria contrato para o londrino Royal Ballet. Seja como for, conta - quase a custo: "Já me reconhecem mais ou menos por isto. Aqui muitas vezes falam do Alexandre, o bailarino, quando estão a tentar identificar-me."